

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO DE CIÊNCIAS HUMANAS - CECH
DEPARTAMENTO DE LETRAS - DL

JONAS PRADO BARBOSA

**ETNOBOTÂNICA YÉBA MAHSÃ: GLOSSÁRIO DAS PLANTAS DE
CULTIVO TRADICIONAL**

SÃO CARLOS - SP
2025

JONAS PRADO BARBOSA

Etnobotânica Yéba mahsã: glossário das plantas de cultivo tradicional

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Coordenação do Curso de Linguística em 2025, ao Departamento de Letras da Universidade Federal de São Carlos, para obtenção do título de Bacharel em Linguística.

Orientadora: Profa. Dra. Gladis Maria de Barcellos Almeida

Coorientadora: Profa. Dra. Sabrina de Cássia Martins

São Carlos-SP
2025

Barbosa, Jonas Prado

Etnobotânica Yéba mahsã: glossário das plantas de cultivo tradicional / Jonas Prado Barbosa -- 2025. 42f.

TCC (Graduação) - Universidade Federal de São Carlos, campus São Carlos, São Carlos

Orientador (a): Gladis Maria de Barcellos Almeida

Banca Examinadora: Gladis Maria Barcellos de Almeida, Luciana Nogueira, Sabrina de Cássia Martins

Bibliografia

1. Língua indígena. 2. Terminologia da etnobotânica. 3. Glossário das plantas de cultivo tradicional. I. Barbosa, Jonas Prado. II. Título.

Ficha catalográfica desenvolvida pela Secretaria Geral de Informática (SIn)

DADOS FORNECIDOS PELO AUTOR

Bibliotecário responsável: Arildo Martins - CRB/8 7180

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo documentar a terminologia das plantas de cultivo tradicional do povo *Yéba mahsã* por meio da elaboração de um glossário bilíngue *Yéba mahsã* - Português, com vistas à valorização linguística e cultural dessa etnia indígena do Alto Rio Negro, localizada no município de São Gabriel da Cachoeira (AM). A pesquisa tem como motivação o contexto sociolinguístico, marcado pelo multilinguismo e pelo processo de enfraquecimento da língua *Yéba mahsã*. Tal língua tem sido pressionada por outras majoritárias, como o Tukano e o Tuyuka. Fundamentado nos estudos da terminologia, da etnobotânica e das políticas linguísticas, o trabalho focaliza a relação entre língua, cultura, conhecimento tradicional e espiritualidade, evidenciando que a denominação das plantas não se restringe a classificações botânicas, mas expressa concepções cosmológicas, mitológicas e ritualísticas. A metodologia adotada é de natureza qualitativa, etnográfica e descritiva, tendo sido desenvolvida em etapas: revisão bibliográfica, coleta de dados em campo junto aos falantes da língua e respectiva organização em uma obra terminológica. Foram selecionadas espécies cultivadas nas roças, tendo sido feito o levantamento dos nomes em *Yéba mahsã*, dos equivalentes em português, bem como a identificação científica e a elaboração de definições, as quais integram características botânicas, usos alimentares, medicinais, ritualísticos e simbólicos. Conclui-se que a documentação terminológica constitui um importante instrumento de preservação linguística, de fortalecimento cultural e de salvaguarda dos conhecimentos tradicionais do povo *Yéba mahsã*.

Palavras-chave: Terminologia; línguas indígenas; *Yéba mahsã*; etnobotânica; glossário *Yéba Mahsã* - Português.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	4
2 JUSTIFICATIVA	9
3 OBJETIVOS	10
3.1 OBJETIVO GERAL	10
3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	10
4 PERSPECTIVA TEÓRICA	10
4.1 RAÍZES MITOLÓGICAS DAS PLANTAS CULTIVADAS 7	11
4.2 AS PLANTAS DA ROÇA NO CONTEXTO DO RIO NEGRO	12
5 METODOLOGIA	15
5.1 ORGANIZAÇÃO MICROESTRUTURAL DO GLOSSÁRIO	17
5.2 SISTEMATIZAÇÃO DAS DEFINIÇÕES DAS PLANTAS CULTIVADAS	18
5.3 PARADIGMA DEFINICIONAL: ELEMENTOS CONSTITUTIVOS DA DEFINIÇÃO	18
6 ANÁLISE E DESENVOLVIMENTO	19
COMPILAÇÃO DO CORPUS E ESCOLHAS MACROESTRUTURAIS	19
GLOSSÁRIO YÉBA MAHSÃ - PORTUGUÊS DE PLANTAS DE CULTIVO	
TRADICIONAL	22
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	38
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	41

1 INTRODUÇÃO

Os falantes da língua *Yéba mahsã* localizam-se especificamente no Alto Tiquié, principalmente na comunidade *Mõopoea* (mais conhecida como São Pedro, nome dado pelos missionários salesianos), no afluente do Rio Tiquié, o Rio Castanho, e também nas calhas fluviais do lado colombiano. A língua *Yéba mahsã* é conhecida também pelos nomes *Yéba l'tanã* e *Auyirã* e, em português, como Makuna. Esse último nome passou a designar um conjunto de povos distintos - *Saãiroã*, *Ide mahsã*, *Hanerã*, *Sunã* e *Yéba mahsã* - e foi atribuído por pesquisadores e antropólogos que passaram pela região.

O nome *Yéba mahsã*, por sua vez, significa “filhos de Yebá”: *Yéba*, o criador, e *mahsã*, gente. Assim, numa tradução literal, significa “gente de *Yéba*” ou “descendentes do *Yéba*”. Entre os *Yéba mahsã* que vivem no território brasileiro, percebe-se um processo gradual de erosão linguística, provocado principalmente pela predominância da língua Tukano, língua cooficializada, e pela influência da língua Tuyuka, língua não cooficializada. Dessa forma, a problemática central envolve o enfraquecimento da língua *Yéba mahsã*, que vem sendo esquecida e substituída por essas línguas que têm um estatuto jurídico-político diferenciado. No caso da língua Tukano, a lei de cooficialização (Lei nº 145 de 11 de Dezembro de 2002) cita que o “estatuto jurídico-político” da língua Tukano está formalmente instituído no Art. 1º, Parágrafo Único, e operacionalizado no Art. 2º, que define direitos, deveres e responsabilidades do poder público, configurando a cooficialização como política linguística de Estado no âmbito municipal.

Em contrapartida, a língua Tuyuka não recebe o mesmo estatuto que a Tukano. O Projeto Político Pedagógico (PPP), direcionado ao ensino da língua Tuyuka nas comunidades indígenas Assunção de Onça Igarapé, Cachoeira Comprida, Fronteira e na sede São Pedro (*Mõopoea*), abrangidas pela Associação Escola Indígena Tuyuka *Ūtapinopona* - AEITŪ, determina, no parágrafo “4.2 - Fortalecimento da relação escola / comunidade”, que tal prática institui autonomia comunitária; define instâncias legítimas de decisão (conselho, consenso); atribui direitos, deveres e responsabilidades coletivas; reconhece a escola como instrumento político e jurídico da comunidade. Diferente da lei de cooficialização, aqui o estatuto é prático, comunitário e consuetudinário, sustentado por valores coletivos, consenso e autodeterminação.

Resumidamente, as línguas Tukano e Tuyuka são oficiais do estado do Amazonas, enquanto a *Yéba mahsã* não é. Com isso apenas os mais velhos ainda utilizam a língua *Yéba mahsã*, enquanto os mais jovens falam fluentemente Tuyuka e Tukano e, da língua *Yéba*, sabem apenas algumas palavras. As línguas Tuyuka, *Yéba mahsã* e Tukano pertencem à família linguística da Amazônia denominada Tukano Oriental. Por isso, pode-se dizer que pertencem ao mesmo tronco linguístico. Tendo em vista que compartilham da mesma origem, apresentam forte similaridade. Suas distinções são percebidas mais fortemente na fala.

A comunidade *Mõopoea* apresenta um cenário plurilíngue, característica comum entre os povos indígenas do Alto Rio Negro. Nesse espaço, a língua predominante é o Tuyuka, considerada de uso majoritário, seguida pelo Tukano e, em menor escala, pela *Yéba mahsã*. A predominância do Tuyuka se explica pelo fato de a comunidade ser formada principalmente por membros desse povo, além da presença de esposas de origem Tukano e de grupos como os Bará e os próprios *Yéba mahsã*. Assim, mesmo com a diversidade étnica existente, o Tuyuka se estabelece como a língua central na comunicação diária, sendo adotada inclusive por pessoas que não pertencem originalmente a esse grupo.

Nesse contexto, a língua não é apenas um instrumento de comunicação, mas também uma expressão identitária e cultural. A existência de uma escola indígena tuyuka, reconhecida oficialmente pelo município desde 2002, é um marco importante nesse processo. Essa escola foi criada com o objetivo de revitalizar e fortalecer a língua e a cultura tuyuka, tornando-se um espaço de transmissão de saberes tradicionais e de valorização do patrimônio linguístico desse povo. Como consequência, as crianças *Yéba mahsã* que vivem em *Mõopoea* passam pelo processo de alfabetização em língua tuyuka, o que reforça a centralidade desse idioma na vida social e educacional da comunidade.

Por outro lado, essa situação revela também a dinâmica de adaptação linguística presente em outras localidades. No Rio Castanho, por exemplo, onde a língua predominante é o tukano, as crianças *Yéba mahsã* são socializadas e alfabetizadas nesse idioma. Isso evidencia um processo de variação linguística condicionado ao território em que vivem, demonstrando como as relações de convivência interétnica influenciam diretamente as práticas linguísticas cotidianas. Dessa forma, a realidade dos *Yéba mahsã* exemplifica a complexidade do

multilinguismo na região do Alto Rio Negro, marcada pela coexistência, pela hierarquia e pela negociação entre diferentes línguas indígenas.

A comunidade *Moõpoea* é a comunidade indígena onde eu nasci e cresci. Ela está localizada no extremo norte do Brasil, especificamente no noroeste do estado do Amazonas, no município de São Gabriel da Cachoeira, região do Alto Rio Negro (Terra Indígena Alto Rio Negro). A comunidade é mais conhecida localmente como São Pedro, nome dado pelos missionários na época da evangelização. A comunidade é um povoado com várias etnias e falantes de várias línguas, entre eles Tuyuka, *Yéba mahsã*, Tukano, Bará.

No contexto sociolinguístico do Alto Rio Negro, região marcada por intensa diversidade cultural e pela convivência de mais de 23 povos indígenas, torna-se indispensável considerar que as práticas linguísticas não são neutras, mas atravessadas por relações de poder e por decisões institucionais. Nesse território, situado no município de São Gabriel da Cachoeira, quatro línguas foram cooficializadas (Tukano, Nheengatu, Baniwa e Yanomami), evidenciando que o Estado atua diretamente na seleção (ou não), na legitimação e no reconhecimento de determinados repertórios linguísticos. Tal cenário mostra que a discussão sobre política linguística e política de línguas é central, especialmente porque, como assinala Orlandi (2007, p. 07), ao falar de política linguística, “já se dão como pressupostas as teorias e também a existência da língua como tal”. Para a autora, a língua é sempre atravessada pelo político, constituindo um “corpo simbólico-político” que participa da vida social e histórica dos sujeitos. Assim, Políticas Linguísticas operam sobre línguas concebidas como instrumentos organizáveis, planejáveis e controláveis, enquanto a Política de Línguas remete à historicidade dos usos, às práticas concretas e às condições que constituem cada comunidade linguística em sua singularidade.

Essa perspectiva é fundamental quando tratamos da terminologia, pois os sistemas de nomeação, especialmente em comunidades indígenas, não representam apenas descrições técnicas, mas modos de organizar o mundo e de transmitir conhecimentos especializados. Como ressalta Cabré (1999), a terminologia não se limita ao campo técnico-profissional: ela integra o léxico da língua e funciona como um instrumento cognitivo, comunicativo e social. A autora enfatiza que o planejamento terminológico tem papel decisivo na fixação e no desenvolvimento de uma língua, pois estabelece normas e consolida usos. Em

contextos de línguas minoritárias, como é o caso do *Yéba mahsã*, a documentação terminológica torna-se, portanto, uma ação política de preservação e fortalecimento, na medida em que evita a perda de conhecimentos especializados vinculados ao ambiente, à cosmologia e às práticas de cultivo.

Contribui também para essa reflexão a perspectiva de Martins (2013), ao defender a pertinência da estrutura onomasiológica na elaboração de vocabulários e glossários especializados e ao propor um modelo de definição específico para a terminologia da *fauna* e da *flora*. Segundo a autora, a abordagem onomasiológica permite organizar os termos a partir dos conceitos e categorias culturais relevantes para a comunidade, preservando a lógica interna dos sistemas de conhecimento tradicionais. No caso do povo *Yéba mahsã*, isso significa registrar as plantas da roça não somente como espécies botânicas, mas como entidades dotadas de história, relações míticas, usos rituais e significações cosmológicas. Aliado a isso, a definição terminológica dessa fatia especial do léxico da língua *Yéba mahsã* não pode restringir-se à morfologia ou à taxonomia científica, pois deve abarcar também os sentidos simbólicos, sociais e espirituais que compõem o sistema etnobotânico.

Assim, quando se documenta a terminologia botânica *Yéba mahsã*, não se está apenas produzindo um registro lexical: está-se intervindo em um processo de política linguística que envolve a valorização da língua, o reconhecimento de seus modos próprios de classificação e a visibilização dos conhecimentos ancestrais que ela carrega. A perda de uma língua ou de seu vocabulário especializado representa, portanto, a perda de uma cosmologia, de técnicas agrícolas, de práticas de cura e de narrativas míticas. Integrar política linguística e terminologia, nesse sentido, permite compreender que cada termo da *flora*, cada nome de planta, cada categoria de cultivo é também um ato de resistência linguística, um testemunho da memória cultural e uma forma de continuidade das tradições *Yéba mahsã*.

Portanto, o movimento e a ocorrência de uma política de línguas no município podem ser analisados da seguinte maneira: em primeiro lugar, as quatro línguas cooficializadas - Tukano, Baniwa, Nheengatu e Yanomami, exercem a função de línguas francas, isto é, línguas de comunicação ampla entre diferentes povos indígenas, utilizadas em contextos interétnicos, institucionais e sociopolíticos. Embora compartilhem esse papel de mediação comunicativa, cada uma dessas línguas apresenta características próprias, modos específicos de fala e trajetórias

históricas distintas. No interior dessas línguas francas, encontram-se outras línguas que possuem afinidades estruturais, históricas e genealógicas, por pertencerem a um mesmo tronco linguístico. Essas línguas, apesar de sua riqueza cultural e linguística, geralmente são faladas por grupos numericamente menores e, por isso, podem ser caracterizadas como línguas minoritárias. Em contextos de assimetria de poder linguístico, os falantes dessas línguas tendem a adotar a língua franca predominante vinculada ao tronco linguístico mais forte ou socialmente mais valorizado - em detrimento de sua língua originária. Como consequência desse processo, algumas línguas deixaram de ser transmitidas entre gerações, levando ao seu enfraquecimento ou mesmo ao desaparecimento. Isso ocorre sem dúvida com a língua *Yéba mahsã*.

Antigamente, era comum uma etnia usar a outra língua, ou a língua vizinha e a língua de seus cunhados, porque nessa região as etnias fazem trocas de casamentos, como também trocas de produtos, como canoas, remos, farinhas, artesanatos e utensílios de cozinha. Com essa troca de objetos e a aproximação por casamentos, há uma prática e “trocas” das diferentes línguas nesses espaços. Nem todas as línguas são faladas como tais nessas situações. Muitas vezes são apenas algumas palavras e expressões adotadas de um e do outro como parte da integração cultural e comunicação familiar. Portanto, essas trocas linguísticas, ao longo do tempo, contribuem para a diversidade e a riqueza das línguas. Muitas vezes a esposa que era de outra etnia não sabia falar a língua do marido, portanto, quando criava os filhos se comunicava com frequência com a língua de sua origem, a própria língua. Então, isso fazia com que algumas aldeias que faziam troca de casamentos com etnias e aldeias específicas acabavam tendo a circulação de palavras de outras etnias e se apropriando de tais palavras para o seu uso próprio.

A política de línguas na região de São Gabriel da Cachoeira ocorre em diferentes espaços sociais e étnicos. Cada língua falada tem sua historicidade, mas há a predominância dessas línguas cooficializadas, como dito acima. As línguas não cooficializadas vêm se mantendo com dificuldades, algumas delas mais do que outras, ocorrendo, assim, o seu desaparecimento. Isso remonta à chegada dos missionários, que visavam catequizar os indígenas da região e, para tanto, construíram missões e internatos, proibindo, então, falar a língua minoritária e

obrigando a falar a língua franca (a língua principal falada na região). Nas próximas linhas, justifico a importância da temática.

2 JUSTIFICATIVA

Este trabalho justifica-se pela urgência em documentar e compreender o processo de enfraquecimento da língua *Yéba mahsã*, também conhecida como Makuna, no contexto sociolinguístico da região do Alto Rio Negro, no noroeste do estado do Amazonas. Observa-se, entre os falantes *Yéba mahsã*, especialmente aqueles localizados em comunidades como Mõopoea (São Pedro) e ao longo do Rio Castanho, um processo acelerado de erosão linguística, impulsionado pela predominância de línguas majoritárias, como o Tukano e o Tuyuka. Essa situação evidencia uma sobreposição linguística que afeta diretamente a transmissão intergeracional da língua *Yéba mahsã*, restringindo seu uso, hoje, principalmente aos membros mais velhos da comunidade.

A relevância científica desta pesquisa reside na contribuição para os estudos sobre línguas indígenas em risco de extinção, para a documentação linguística e para as políticas de revitalização. Ao analisar o caso da *Yéba mahsã*, busca-se compreender os fatores históricos, socioculturais e políticos que contribuem para o enfraquecimento de línguas minoritárias, mesmo em um território reconhecidamente plurilíngue como o município de São Gabriel da Cachoeira, onde quatro línguas indígenas já foram cooficializadas.

A relevância social está no fortalecimento das vozes e saberes dos povos indígenas da região, sobretudo aqueles cujas línguas não gozam da mesma visibilidade e apoio institucional das cooficializadas. Como consequência, pode ocorrer o enfraquecimento de línguas como a *Yéba mahsã* devido à restrição do domínio de uso. Tal fato pode gerar o desaparecimento de um sistema linguístico e, principalmente, de um patrimônio cultural, espiritual e identitário único. A valorização das línguas indígenas é, portanto, uma forma de resistência e de reafirmação dos direitos linguísticos e culturais desses povos.

Por fim, há uma motivação que fortalece esta pesquisa: meu pertencimento à comunidade *Mõopoea*, meu local de nascimento e crescimento. Essa vivência possibilita uma escuta sensível e um olhar interno para as dinâmicas linguísticas cotidianas, permitindo que a pesquisa seja construída a partir de uma perspectiva situada, respeitosa e comprometida com a realidade local.

Diante desse cenário, a presente pesquisa busca contribuir para a compreensão das dinâmicas de perda e resistência linguística na região, além de propor reflexões sobre as possibilidades de políticas linguísticas mais inclusivas e equitativas para os povos do Alto Rio Negro.

O trabalho tem como ponto de partida a temática do cultivo e do manejo tradicional. Assim, questiono: como os *Yéba mahsã* denominam as plantas cultivadas? Quais são as técnicas, os rituais e os conhecimentos transmitidos de geração em geração por tais nomes populares nessa língua indígena? Como a cultura desse povo garante a produtividade e a sustentabilidade dos roçados? Para responder a tais questionamentos, investigo essa terminologia reunindo, por um lado, os nomes de plantas cultivadas na língua e, por outro, sistematizando esse conhecimento em definições que descrevem as práticas de preparo do solo, plantio, colheita e armazenamento, além de elementos ritualísticos e mitológicos, sempre na perspectiva do conhecimento indígena. A seguir, especifico os objetivos perseguidos nesse trabalho para, posteriormente, relatar os pressupostos teóricos.

3 OBJETIVOS

3.1 Objetivo Geral

O objetivo principal deste Trabalho de Conclusão de Curso é documentar, por meio de um glossário bilíngue *Yéba Mahsã* - Português, a terminologia das plantas cultivadas na roça pelo povo *Yéba mahsã*.

3.2 Objetivos Específicos

3.2.1. fazer o levantamento dos nomes populares dessas espécies em *Yéba mahsã*;

3.2.2. fazer o levantamento dos nomes científicos dessas espécies;

3.2.3. atribuir os equivalentes em língua portuguesa;

3.2.4. elaborar um modelo de definição que coloque em relevo a importância da espécie na tradição da comunidade indígena;

3.2.5. elaborar as definições dos termos levantados referentes às espécies cultivadas na roça pelo povo *Yéba mahsã*.

4 PERSPECTIVA TEÓRICA

Esta seção relata, a princípio, a mitologia que dá origem à nomeação em *Yéba mahsã* das plantas cultivadas. Em seguida, discute a tradição que envolve o cultivo das plantas aqui abordadas na região do Rio Negro.

3.1 Raízes mitológicas das plantas cultivadas

Trago aqui algumas observações sobre a forma como ocorrem os processos de nomeação das espécies da *flora* na língua indígena *Yéba mahsã*. Segundo o sistema linguístico do povo *Yéba mahsã*, há várias maneiras de nomear tais conceitos. Tais processos podem ser simples ou complexos, abrangendo, inclusive, a cura com benzimento realizado pelos *Kumu* e *Yaí* (pajé).

As plantas cultivadas na roça têm sempre origem em um ser mitológico, característica que está no próprio nome do povo: o nome *Yéba mahsã* advém de *Yéba* e de sua esposa *Waihinõriõ*. Em um primeiro momento, *Yéba*, com todos os seus poderes ancestrais, faz sua primeira roça logo após casar-se com a *Waihinõriõ*. Para iniciar o preparo da roça, realiza o *keãhãré* (benzimento), o qual é definido pelo antropólogo indígena João Paulo Barreto (2013, p. 74) da seguinte forma:

Bahsesse é um repertório de palavras e expressões especiais, que possibilitam a comunicação como os wai-mahsã. O bahsessed é também a habilidade de um homem especialista em invocar elementos e princípios curativos, contidos nos tipos de vegetais e animais. As expressões e palavras do bahsessed versam sobre a história de criação do mundo, do surgimento dos seres humanos, a origem e sentido das habitações (*wiseri*), instituídas ao longo da viagem de transformação. Elementos materiais, como o cigarro, o breu (resina vegetal), o sal e a pimenta, podem ser utilizados por um especialista como veículo do bahsessed, isto é, como meios de estabelecer a comunicação com os agentes agressores, os wai-mahsã. O cigarro e o breu servem para imunizar o ambiente e, assim, apaziguar a hostilidade, conter a inveja e a ira dos wai-mahsã.

Com efeito, o *Yéba* faz o preparo *keãhãrisé* (benzimento) da roça; realiza a queima usando o próprio corpo e seus adornos, deixando o terreno limpo para o plantio. Após essa fase, ele benze a terra, transformando-a em um elemento fértil e ideal para o plantio. Feito isso, dá início ao plantio, usando o próprio corpo: os

próprios membros tornam-se plantas. Por exemplo, a mandioca: os “dedos” transformam-se nos caules da planta. Essa é a primeira parte da origem das plantas segundo a mitologia. A segunda parte é motivada pela mulher do *Yéba*. Ao sentir falta dos frutos que ela comia quando morava com o pai, o *Waihinõ*, ela decide pegar mudas com seu genitor para plantar em suas roças. É importante explicar que o *Waihinõ* não era um ser desse mundo, mas de outro, conhecido como *wai-mahsã*, isto é, aquele que abriga humanos invisíveis, donos e responsáveis de residências no meio aquático (Barreto, 2013, p.68).

Segundo a tradição *Yéba mahsã*, as plantas cultivadas na roça são entendidas como “partes do corpo”, criadas por meio de benzimento e relacionadas a outros seres *wai-mahsã*. Por essa razão, elas podem ser benzidas em todas as etapas: no preparo do terreno, no plantio, na colheita e até no consumo final. Quando essas regras de benzimento não são seguidas, a pessoa pode adoecer ao consumir as plantas e seus frutos. Quem causa a doença não é a planta em si, mas o espírito da planta, uma vez que sua origem não pertence apenas a este mundo.

A origem das plantas e suas denominações varia entre os povos indígenas. Para alguns, elas vêm das estrelas ou das fases da lua; para outros, surgem a partir de mitos e narrativas tradicionais, como ocorre entre os *Yéba mahsã*. As plantas cultivadas da roça estão sempre acompanhadas pelo benzimento, porque todo o espaço, isto é, o terreno, as plantas e o trabalho, faz parte desse processo. Isso contribui para manter conhecimentos tradicionais e métodos de cura, que utilizam plantas medicinais como base para o benzimento.

Ao trabalhar na roça, especialmente no momento do preparo antes do plantio, os conhecedores e pajés transmitem esses benzimentos para seus filhos, netos ou para pessoas próximas que desejam aperfeiçoar os conhecimentos. Dessa forma, o cultivo da roça não é somente uma prática agrícola, mas um modo de continuidade dos saberes e da espiritualidade do povo *Yéba mahsã*.

3.2 As plantas da roça no contexto do Rio Negro

No contexto do Rio Negro, a terminologia da *flora* deve ser compreendida sob uma ótica intercultural e ecológica, na qual o conhecimento científico se entrelaça com os saberes tradicionais dos povos indígenas, especialmente os sistemas de manejo e cultivo praticados nas chamadas “roças”. Diferentemente de uma visão puramente botânica, em que a *flora* designa o conjunto de espécies vegetais de

uma determinada região, os povos indígenas da região do Alto Rio Negro atribuem significados cosmológicos, sociais e práticos às plantas, compondo um sistema de conhecimento complexo e dinâmico.

A etnobotânica, nesse sentido, oferece um arcabouço teórico relevante, pois busca compreender como diferentes culturas nomeiam, classificam, utilizam e interagem com as plantas. Para os povos indígenas do Rio Negro, como os *Yéba mahsã* (Makuna), os Desana, os Baniwa, entre outros que habitam nas calhas do Rio Negro, as plantas das roças não são apenas um conjunto de espécies cultivadas, mas parte de um sistema agrícola diversificado, que inclui relações de parentesco com os seres da floresta, ciclos ritualísticos, conhecimentos de calendário ecológico e práticas de sustentabilidade. O Dossiê IPHAN, a respeito do Sistema Agrícola do Rio Negro, enfocando especificamente a mandioca (mandioca brava), destaca que:

A mandioca constitui o foco desse sistema pela diversidade de espécies e variedades cultivadas, pela amplitude do espaço ocupado, por suas formas dinâmicas de manejo e por seu papel na alimentação. Em torno do cultivo da maniva gravitam outros conjuntos de plantas cultivadas que integram a diversidade agrícola “ordinária”, cuja identificação e denominação repousam sobre critérios de tipo sensorial. A diversidade das formas de produzir ultrapassa o domínio dos fatos técnicos, inscrevendo-se como parte da vida social e cultural das comunidades e expressa uma concepção do mundo e da vida em grupo. (Dossiê Iphan, 2019, p. 15)

Em concordância com esse entendimento, Magalhães (2013) discute os conceitos de “paisagem domesticada” e “florestas antropogênicas”, que ajudam a reconhecer que as espécies cultivadas na roça resultam de uma ação humana intencional e cumulativa, marcada por saberes transmitidos entre gerações. Além disso, as categorias linguísticas utilizadas para nomear determinadas plantas frequentemente carregam significados que revelam a cosmologia indígena, evidenciando a presença dos espíritos da floresta, as narrativas de origem das espécies e os usos cerimoniais ou medicinais associados a elas.

No caso da mandioca, por exemplo, antes do cultivo, o pajé realiza rituais de preparação da terra, por meio de benzimentos, a fim de torná-la fértil. Esse processo ritualístico continua durante a colheita, o preparo e, sobretudo, antes do consumo, especialmente quando se trata do primeiro contato da criança com o alimento. A prática também se estende a momentos específicos da vida, como após

os rituais de iniciação dos jovens ou após a primeira menstruação da menina. Caso esses cuidados não sejam observados, acredita-se que o consumo da mandioca possa provocar enfermidades relacionadas à planta.

O consumo da pupunha ocorre de modo semelhante. Após os rituais de iniciação, que envolvem o uso do jurupari e outras práticas, os benzimentos devem ser realizados. A ausência desse procedimento pode resultar em doenças, como problemas de pele. Assim, independentemente da planta, o ato de benzê-la antes do consumo desempenha papel fundamental na manutenção da saúde e no equilíbrio entre os indivíduos, os alimentos e os elementos espirituais que compõem a cosmologia indígena.

Dessa forma, a terminologia da flora, quando utilizada para se referir às plantas da roça no Rio Negro, deve ser reinterpretada como um conceito relacional e culturalmente situado, que incorpora tanto aspectos biológicos quanto os sentidos atribuídos pelos povos que cultivam e interagem com essas plantas. Essa abordagem favorece uma compreensão mais ampla e respeitosa dos saberes indígenas e de seus sistemas agrícolas, reconhecidos atualmente como modelos de agrobiodiversidade e sustentabilidade.

A terminologia adotada neste trabalho desempenha papel fundamental na estabilização e no desenvolvimento da língua, conforme argumenta Cabré (1999), especificamente em seu artigo *Importancia de la terminología en la fijación de la lengua: la planificación terminológica*. Segundo a autora, a terminologia não se limita a um conjunto de termos especializados, mas integra o léxico e a gramática das línguas, compartilhando seus recursos formais e princípios semânticos. Em um contexto de globalização, Cabré destaca que a preservação das línguas como veículos de cultura e comunicação exige planejamento linguístico consciente, que envolve dimensões gramaticais, psicológicas e sociais.

Para a autora, a comunicação profissional depende da terminologia para organizar o pensamento, transferir conhecimento e estruturar textos especializados. Por isso, a padronização terminológica é essencial para garantir eficácia, concisão e precisão na interação entre especialistas. A necessidade de uma norma e de ações planejadas sobre o desenvolvimento linguístico, portanto, justifica-se como estratégia para assegurar que as línguas se mantenham atualizadas e capazes de atender às demandas comunicativas contemporâneas.

O modelo de definição terminológica segue os pressupostos de Martins (2013). Assim, sustenta-se em uma seleção criteriosa dos elementos que compõem cada verbete, considerando a diversidade de leitores que poderão consultar o glossário, a saber, desde membros da própria comunidade *Yéba mahsã* até pesquisadores de distintas áreas. Essa escolha busca garantir tanto a acessibilidade quanto o rigor científico necessário à pesquisa terminológica.

Nessa perspectiva, a definição terminológica de *flora* articula elementos lexicográficos e enciclopédicos, pois, além de particularizar e classificar os termos, apresenta valores de significação específicos de um domínio e de um contexto cultural. A definição descreve os aspectos relevantes que constituem a unidade lexical especializada, evidenciando tanto dimensões técnicas quanto socioculturais associadas a ela. Assim, essa categoria funciona como elo entre diferentes níveis de conhecimento, refletindo o saber acumulado pelo profissional e as influências socioculturais e históricas presentes em sua prática.

Nas próximas páginas, serão descritas as etapas metodológicas que fundamentam esta pesquisa.

5 METODOLOGIA

O estudo foi desenvolvido a partir de uma análise bibliográfica e documental, com base em autores que discutem a terminologia da *flora*. Ao longo das próximas páginas, será explorada a terminologia da *flora*, especificamente, das plantas da roça, ou *we'sé go'teré*, como dito na língua *Yéba mahsã* na região do Alto Rio Negro, noroeste do estado do Amazonas. O foco da pesquisa foi a identificação, o registro e a análise dos termos referentes às espécies de plantas cultivadas nas roças dessa etnia.

A lacuna observada na literatura relacionada às plantas cultivadas em roças e à terminologia da *flora* constitui o ponto de partida e a principal motivação deste trabalho. Até o presente momento, a ausência de registros detalhados sobre as denominações locais das plantas da roça, suas definições e o sistema terminológico *Yéba mahsã* impede uma compreensão aprofundada do conhecimento etnobotânico dessa comunidade.

Para preencher essa lacuna, a metodologia foi pautada em uma abordagem:

- qualitativa, visto que busca suprir uma lacuna referente aos estudos terminológicos em línguas indígenas, com especial ênfase para a língua *Yéba*

mahsã; b) etnográfica, pois assume a visão de mundo indígena; e c) descritiva, já que parte do uso para a coleta das informações presentes no glossário. Especial ênfase é dada à coleta dos dados, feita diretamente com os falantes da língua *Yéba mahsã*. As etapas da pesquisa incluíram:

- Levantamento de campo: baseada na minha própria vivência nas comunidades *Yéba mahsã* do Alto Rio Negro para a identificação das espécies de plantas cultivadas nas roças.
- Coleta de dados linguísticos: por meio de conversas informais com membros da comunidade (especialmente agricultores, anciãos e conhecedores tradicionais), foram coletados os termos em *Yéba mahsã* referentes a cada espécie de planta, bem como seus usos. Paralelamente, foram consultadas bases de dados, como Wikipedia e Flora do Brasil,¹ que possibilitaram a reunião de informações necessárias para a elaboração dos verbetes.
- Análise linguística e etnobotânica: os dados servem como suporte à escrita dos verbetes. A partir deles, foi feita a organização desta terminologia, foi atribuído o equivalente em português e, sobretudo, foi elaborada a definição, que incluiu informações sobre o conhecimento tradicional e sobre as práticas de cultivo das plantas.

A metodologia proposta foi aprofundar o conhecimento sobre as plantas cultivadas no roçado a partir da perspectiva do povo *Yéba mahsã*. Esse enfoque é fundamental para registrar a riqueza do saber tradicional e a profunda relação que esse povo mantém com seu ambiente e seus recursos naturais. Em vez de uma abordagem puramente botânica ou agrônômica, buscou-se compreender as definições e classificações das plantas a partir da visão de mundo *Yéba mahsã*.

Nesse sentido, a pesquisa incluiu também a investigação de narrativas, lendas e mitos que fazem parte da cultura *Yéba Mahsã*. Para esse povo, as plantas não são apenas elementos da natureza, mas sim seres com história, personalidade e, muitas vezes, origens divinas ou transformadoras. Essas narrativas explicam a existência e as características das espécies, transmitem valores, ensinam e revelam a compreensão *Yéba mahsã* sobre o universo. Frequentemente, elas descrevem relações entre plantas, animais, espíritos da floresta (*waí ma'sã*), ancestrais e divindades, demonstrando a complexa teia da vida percebida pela comunidade.

¹ Disponível em: <https://floradobrasil.jbrj.gov.br/consulta/#CondicaoTaxonCP>.

Portanto, este estudo explorou também diversos aspectos fundamentais relacionados a essas plantas, incluindo:

- **História e Cosmovisão da Planta:** cada planta possui uma história dentro da cultura *Yéba mahsã*. Foram investigados os mitos, as narrativas e as lendas associados a cada espécie, revelando como elas se inserem na cosmovisão do povo. Isso inclui a compreensão de suas origens míticas, seu papel em rituais e cerimônias, e sua importância na construção da identidade cultural *Yéba mahsã*.
- **Uso Doméstico e Cotidiano:** além do consumo alimentar, as plantas do roçado desempenham múltiplos papéis no cotidiano *Yéba mahsã*. Foi documentado o vasto leque de utilizações, que pode incluir a confecção de utensílios, remédios tradicionais, ornamentos, materiais de construção e até mesmo brinquedos. Essa análise abrangeu tanto os usos práticos quanto os simbólicos.
- **Relação Simbiótica com o Povo *Yéba mahsã*:** mais do que meros recursos, as plantas são consideradas parte integrante da vida e da cultura *Yéba Mahsã*. Foi examinada a relação profunda e simbiótica que se estabelece entre o povo e as plantas, reconhecendo-as como seres que coexistem e contribuem para o bem-estar da comunidade. Essa relação se manifesta no respeito, nos rituais de agradecimento e na constante interação que molda tanto o ambiente quanto a identidade *Yéba mahsã*.

Ao integrar esses diferentes saberes, a metodologia busca não apenas documentar, mas também valorizar e dar visibilidade à complexidade e à profundidade do conhecimento *Yéba mahsã* sobre as plantas do roçado, contribuindo para a preservação cultural e para o reconhecimento da agrobiodiversidade mantida por esses povos.

5.1 Organização microestrutural do glossário

Para a elaboração do glossário proposto, foi estabelecido um modelo de microestrutura que traz informações que possam interessar públicos diferentes. Assim, a tradução em língua portuguesa auxilia, por exemplo, estudiosos das línguas indígenas, como também falantes da língua *Yéba mahsã*. O nome científico pode auxiliar o trabalho de especialistas do domínio da biodiversidade. Já a

definição abriga informações que podem ser de interesse para especialistas de outras áreas, como antropólogos. Resumidamente, cada verbete é composto por:

- **Nome popular da planta na língua *Yéba mahsã*.** Trata-se de um nome genérico, portanto, pode representar várias espécies do mesmo gênero.
- **Tradução do nome para o português.**
- **Nome científico.** Essa informação segue os pressupostos da nomenclatura botânica de classificação das espécies. Para os casos em que se trata da denominação do gênero, são incluídas as espécies que este abriga.
- **Definição.** A definição recebe destaque no interior do verbete, visto que enfatiza elementos culturais no uso de cada planta, como especificado abaixo.

5.2 Sistematização das definições das plantas cultivadas

Buscando organizar de forma coerente as informações culturais, mitológicas e ritualísticas, foi delineado um modelo que visa padronizar as definições. Sendo assim, a definição conterá: características gerais da planta, indicações sobre a forma e a finalidade do cultivo; a forma como é consumida; diferenciação de outras espécies; rituais e simbolismo cultural a ela atribuídos; celebrações e festividades em que ela é utilizada; narrativas mitológicas em que ela aparece. A seguir, essas informações são exploradas em detalhes.

5.3 Paradigma definicional: elementos constitutivos da definição

São elementos informacionais constitutivos da definição:

- Características gerais da planta, em que são descritas as características morfológicas que definem a espécie, como forma da planta, tipo de folha, porte e *habitat*.
Cultivo e finalidade do cultivo, em que são apresentadas informações sobre o modo de cultivo - ambiente, técnicas e época - e sobre a finalidade principal da planta, como fins alimentares, fins medicinais, fins ritualísticos ou simbólicos.
- Descrição do consumo e dos usos culinários, em que são registradas as partes consumidas (fruto, folha, raiz, flor etc.), as formas de preparo (cru, cozido, fermentado, torrado etc.) e os modos de utilização na culinária indígena (pratos típicos, bebidas, condimentos).

- Distinção de outras espécies, em que é apresentada uma descrição breve que diferencia a planta de espécies próximas ou semelhantes, considerando aspectos como morfologia, cor, cheiro ou uso.
- Rituais e simbolismo na cultura indígena, em que é indicada a presença da planta em ritos, práticas religiosas, ocasiões festivas ou simbolismos locais. Mitologia e narrativas, em que são apresentados os mitos, as lendas ou as narrativas tradicionais relacionados à planta, à sua origem ou ao seu poder simbólico. Esse elemento definicional será inserido apenas quando houver informações disponíveis na comunidade, pois nem todas as plantas apresentam registros desse tipo.

6 ANÁLISE E DESENVOLVIMENTO

Esta seção relata as etapas de elaboração dos verbetes a serem inseridos no glossário. A seguir, serão relatadas as escolhas metodológicas, impasses enfrentados e ferramentas que auxiliaram no desenvolvimento desta pesquisa.

6.1 Compilação do corpus e escolhas macroestruturais

O *corpus* é constituído primordialmente por espécies cultivadas pelos *Yéba mahsã*. A princípio, foram selecionadas 18 espécies de plantas com o objetivo de sistematizar a terminologia da área nessa língua, além de documentar a cultura desse povo. É, portanto, interesse deste trabalho registrar e preservar os conhecimentos etnobotânicos associados a essas espécies, valorizando a língua e a cultura do povo *Yéba mahsã*.

Dentre as 21 espécies coletadas, foram excluídas da macroestrutura do glossário os termos *kĩĩ ũko*, *yaí* e *tárika* devido à incerteza quanto à tradução em língua portuguesa. É preciso considerar que se trata de uma área complexa, em que há discordância entre os próprios especialistas quanto à classificação biológica. A complexidade aumenta quando se trata dos nomes populares, sobretudo em línguas pouco material linguístico para estudo, como a abrangida neste estudo.

Nome da planta	Tradução	Nome científico	Área de uso
----------------	----------	-----------------	-------------

aña kahó	taioaba de jararaca	<i>Xanthosoma sagittifolium</i>	uso medicinal
biá	pimenta	<i>Capsicum</i>	alimento
hotá	pupunha	<i>Bactris gasipaes</i> Kunth	alimento
káhó	taioaba	<i>Xanthosoma sagittifolium</i>	alimento
kanëa	abiú	<i>Pouteria caimito</i>	alimento
marã	cubiú	<i>Solanum sessiliflorum</i>	alimento
mené	ingá	<i>inga edulis</i>	alimento
mimirë	cana	<i>Saccharum spp</i>	alimento
ñahĩ	batata doce	<i>Ipomoea batatas</i>	alimento
ñamõ	cará	<i>Dioscorea trifida</i>	alimento
ohó	banana	<i>Musa spp</i>	alimento
ruhtú	caetê	<i>Heliconia hirsuta</i> L.f.	alimento
røkø	mandioca (brava)	<i>Manihot esculenta</i>	alimento
senã	abacaxi	<i>Ananas comosus</i>	alimento
sunã	caju	<i>Anacardium occidentale</i>	alimento
ɯmøkø ñamõ	cará trepadeira	<i>Dioscorea trifida</i>	alimento
ɯyé	cucura	<i>Pourouma cecropiifolia</i>	alimento
wamø	umarí	<i>Poraqueiba sericea</i>	alimento

As espécies que fazem parte da macroestrutura do glossário, isto é, as palavras-entrada propriamente ditas, são:

Paralelamente, também surgiram dificuldades concernentes à identificação dos nomes científicos das espécies. Assim como na determinação da tradução para o português, também para essa informação seria necessário o estudo detalhado das características da planta por um especialista da área. Por essa razão, foi fornecido o nome científico do gênero da espécie, assim como um nome popular genérico em língua portuguesa. São exemplos: a pimenta, a banana e a mandioca. A fonte de consulta utilizada para identificação dos nomes científicos foi a base de dados “Flora do Brasil”.²

² Disponível em: <https://floradobrasil.jbrj.gov.br/consulta/#CondicaoTaxonCP>

Glossário Yéba Mahsã - Português de plantas de cultivo tradicional

Aña kahó - Taioba de jararaca (tradução livre)

- **Nome científico:** *Xanthosoma sagittifolium*

Características gerais da planta: Planta herbácea de folhas grandes e formato sagitado. O caule é subterrâneo e rico em amido. Desenvolve-se bem em ambientes úmidos e sombreados. **Cultivo e finalidade do cultivo:** *Ambiente de cultivo* - Quintais, roças de mata virgem e áreas de capoeira. *Técnicas e época* - Cultivo por rizomas, plantados no início das chuvas. *Fins medicinais* - A principal finalidade é o tratamento e a prevenção de picadas de cobras peçonhentas. *Fins ritualísticos / simbólicos* - Empregada em benzimentos e curas. **Descrição do consumo e usos culinários:** *Formas de preparo* - Crua ou em chás medicinais. *Utilização culinária* - Apenas função medicinal. **Distinção de outras espécies:** Reconhecida pelo tamanho das folhas e pela seiva leitosa. As variedades medicinais são identificadas pelos pajés segundo cor e textura das folhas. **Rituais e simbolismo na cultura indígena:** Usada em rituais de cura e proteção espiritual contra animais venenosos (cobras peçonhentas). **Celebrações e festividades:** Não está diretamente associada a celebrações, mas é usada em contextos de cura e prevenção antes das caçadas e dos trabalhos. **Mitologia e narrativas:** Associada ao conhecimento ancestral transmitido pelos pajés e curadores, sendo considerada uma planta guardiã contra o veneno e o mal.

Biá - Pimenta

- **Nome científico:** *Capsicum* spp.
- **Espécies compreendidas:** O termo *biá* é utilizado genericamente pelos Yéba Mahsã para designar diferentes variedades de pimenta do gênero *Capsicum*. Dentro desse nome genérico podem estar compreendidas espécies e variedades cultivadas, com variações de forma, cor e intensidade de pungência dos frutos.

Características gerais da planta: Plantas herbáceas ou subarborescentes, de pequeno a médio porte, com caule ereto e ramificado. As folhas são simples, de formato oval a lanceolado, dispostas alternadamente. As flores são pequenas,

geralmente brancas, e surgem isoladas nas axilas das folhas. Os frutos são bagas de cores variadas - verde, amarela, vermelha ou alaranjada, conforme o estágio de maturação e a espécie. As pimenteiras se desenvolvem bem em áreas abertas, de capoeira e mata virgem, com solo fértil e boa umidade. **Cultivo e finalidade do cultivo:** *Ambiente de cultivo* - Tradicionalmente cultivada em roças localizadas em áreas de capoeira e mata virgem, onde as condições ecológicas (luminosidade, umidade e solo fértil) favorecem o crescimento natural da planta. *Técnicas e época de plantio* - O plantio é realizado manualmente, a partir das sementes extraídas dos frutos maduros e mudas, geralmente no início do período chuvoso. A colheita ocorre de forma contínua, conforme a maturação dos frutos. *Fins alimentares* - Usada amplamente como tempero no preparo de peixes, carnes de caça e outros alimentos tradicionais, conferindo sabor forte e picante. É preparado também em forma de pó, que regionalmente é chamado de jiquitaia ou pimenta em pó. *Fins medicinais* - O suco da pimenta é utilizado em rituais de purificação corporal durante a iniciação dos adolescentes, sendo aspirado pelas narinas. A prática tem função de limpeza e rejuvenescimento, ajudando a manter a pele saudável e retardar o envelhecimento. *Fins rituais / simbólicos* - Elemento essencial em rituais de cura, purificação e encerramento de cerimônias. Após as festas, é benzida pelo pajé e consumida para restaurar a energia vital dos participantes e proteger contra enfermidades espirituais. **Descrição do consumo e usos culinários:** *Partes consumidas* - Frutos. *Formas de preparo*- Usada fresca ou seca; pode ser consumida crua, cozida, ou misturada a preparos tradicionais. O suco da pimenta também é aproveitado em práticas rituais. *Utilização culinária* - Condimento essencial na culinária *Yéba mahsã*, presente no preparo de peixes e carnes de caça. Confere sabor característico e é símbolo da identidade gastronômica do povo. **Distinção de outras espécies:** O gênero *Capsicum* distingue-se de outras plantas condimentares pelo sabor ardente característico (devido à capsaicina) e pela variedade de cores e formas dos frutos. Entre as variedades reconhecidas pelos *Yéba mahsã*, há distinções baseadas na cor do fruto (vermelha, amarela, verde), tamanho, grau de ardência e uso específico (alimentar, ritual ou medicinal). **Rituais e simbolismo na cultura *Yéba mahsã*:** A biá é considerada uma planta de forte poder espiritual, associada à purificação e à renovação das forças vitais. Durante os rituais de iniciação, o suco da pimenta é aspirado pelos jovens para purificar o corpo e preparar o espírito para a vida adulta. Após cerimônias que envolvem o uso da

ayahuasca e adornos sagrados, a pimenta é benzida pelo pajé e consumida coletivamente, para equilibrar o corpo e o espírito, restaurando a energia dos participantes. A ausência da pimenta nesses contextos é interpretada como um sinal de vulnerabilidade espiritual, podendo resultar em doenças, fraqueza ou acidentes provocados por animais peçonhentos. **Celebrações e festividades:** Presente em diversas cerimônias coletivas, especialmente rituais de iniciação, cerimônias de cura e encerramentos de festas sagradas. Seu uso simboliza o retorno à normalidade física e espiritual após períodos de grande intensidade ritual. **Mitologia e narrativas:** De acordo com a tradição oral dos *Yéba mahsã*, a origem da pimenta remonta ao ancestral mítico Yéba, ser primordial que incorporava elementos das plantas e da floresta. Conta-se que Yéba era ele próprio uma manifestação viva das plantas, unindo corpo e natureza. Assim, o cultivo e o consumo da pimenta reafirmam a conexão espiritual entre os *Yéba mahsã* e seus antepassados, expressando a crença de que as plantas são extensões da vida e da sabedoria dos antigos.

Hotá - Pupunha

- **Nome científico:** *Bactris gasipaes*
- **Espécies compreendidas:** O termo *hotá* é usado genericamente pelos *Yéba mahsã* para designar diferentes variedades de pupunha, que podem corresponder a múltiplas formas cultivadas de *Bactris gasipaes*. Cada variedade possui um nome específico na língua *Yéba mahsã*, relacionado a características como tamanho, formato, cor e sabor dos frutos.

Características gerais da planta: Palmeira de médio porte, com tronco espinhoso e copa composta por folhas pinadas longas e arqueadas. Apresenta inflorescências em cachos pendentes, que produzem flores pequenas e frutos drupáceos de formato ovalado, cuja coloração pode variar entre o amarelo, o laranja e o vermelho, conforme a variedade. É uma espécie típica de áreas úmidas da Amazônia, cultivada principalmente em roças de mata virgem. Adaptada a solos férteis e bem drenados, é uma planta perene que se desenvolve melhor em locais de pleno sol. **Cultivo e finalidade:** *Ambiente de cultivo* - Cultivada em roças preparadas e localizadas em áreas de mata virgem, em solos ricos e úmidos. *Técnicas e época de plantio* - O plantio é tradicionalmente realizado pelos *Yéba mahsã* durante o período chuvoso, quando o solo está mais favorável à germinação. É comum o

manejo seletivo das plantas e o aproveitamento das mudas naturais que nascem ao redor das pupunheiras adultas ou mudas selecionadas e semeadas para essa finalidade. *Fins alimentares* - Amplamente cultivada para o consumo dos frutos cozidos, em forma de vinhos, farinha, e das flores cozidas e preparadas com peixes. *Fins medicinais* - Não há especificidades, mas o consumo é geralmente acompanhado de práticas de benzeção, que têm também caráter preventivo e curativo. *Fins rituais / simbólicos*: Possui forte valor ritualístico. Durante o período de frutificação é realizada a celebração *hotá wãtiã sõre* (“entrada dos espíritos da pupunha”), na qual o fruto e suas bebidas fermentadas são centrais. **Descrição do consumo e usos culinários:** *Partes consumidas* - Flores, frutos e palmitos. *Formas de preparo* - As flores são colhidas dos cachos e consumidas cozidas, geralmente acompanhadas de peixe. Os frutos são cozidos e ralados dando origem a diferentes tipos de bebidas, entre elas o chamado “vinho de pupunha”. *Utilização culinária* - O vinho de pupunha é uma bebida tradicional consumida em rituais e celebrações. Os frutos cozidos são também consumidos como alimento cotidiano, sendo fonte de energia e sabor apreciado. **Distinção de outras espécies:** A pupunha distingue-se de outras palmeiras pela combinação de tronco espinhoso, folhas pinadas longas e frutos ricos em amido e óleo, de coloração viva. Dentro do próprio gênero *Bactris*, as variedades de *hotá* são reconhecidas pelos *Yéba mahsã* segundo características visuais e gustativas - coloração do fruto (amarelo, vermelho, alaranjado, listrado e verde), tamanho e sabor (doce, neutro). **Rituais e simbolismo na cultura *Yéba mahsã*:** A pupunha é considerada uma planta de forte poder espiritual, associada aos *Waí mahsã*, seres sobrenaturais que no passado eram inimigos dos humanos. Por isso, seu consumo requer o benximento do pajé, garantindo que o alimento não cause enfermidade espiritual. Durante o período de frutificação, celebra-se o ritual *hotá wãtiã sõre* (“entrada dos espíritos da pupunha”), em que os participantes realizam danças com máscaras e consomem o vinho de pupunha. O ritual pode durar vários dias, dependendo da safra e da quantidade de bebida disponível. **Celebrações e festividades:** O ritual *hotá wãtiã sõre* é uma das principais celebrações coletivas relacionadas à pupunha. Durante o evento, os participantes executam a dança *hotá wãtia bahsa* (“dança do espírito da pupunha”), realizada em frente ao *bahsawi* (casa ritual). O grupo dança em sequência, entrando e saindo da casa, alternando momentos de descanso com o consumo das bebidas fermentadas de pupunha. **Mitologia e narrativas:** Segundo a mitologia dos *Yéba mahsã*, a

pupunha tem origem em um ato ancestral de transgressão e dádiva. Conta-se que o ancestral *Yéba*, ao visitar seu sogro *Waipinó*, trouxe às escondidas a planta sagrada, introduzindo-a no território dos humanos. Assim, a pupunha é vista como um presente roubado dos *Waí mahsã*, símbolo de vida, alimento e conexão entre o mundo espiritual e o mundo humano.

Káhó - Taioba

- **Nome científico:** *Xanthosoma sagittifolium*

Características gerais da planta: Planta herbácea perene, de grandes folhas em forma de coração, com pecíolos longos e talos robustos. Desenvolve-se em ambientes úmidos e sombreados, característicos das roças de mata virgem. Produz rizomas subterrâneos comestíveis. **Cultivo e finalidade do cultivo:** Cultivada preferencialmente nas roças de mata virgem, onde o solo fértil e úmido favorece seu crescimento. **Finalidades** - alimentares. **Descrição do consumo e usos culinários:** **Partes consumidas** - rizomas. **Formas de preparo** - cozidos, ralados ou adicionados ao caxiri. **Utilização culinária:** Serve como base alimentar em pratos cozidos e ingrediente no preparo de bebidas fermentadas. **Distinção de outras espécies:** Difere da *aña kahó* (taioba de jararaca) por seu uso predominantemente alimentar tanto por humanos quanto por animais domésticos, como arara e papagaio, e pelo formato mais largo das folhas. **Celebrações e festividades:** Usada em festividades de colheita e preparação de caxiri em ritos coletivos. **Mitologia e narrativas:** Segundo os *Yéba mahsã*, *káhó* foi uma das plantas oferecidas por *Yéba* à humanidade como alimento e proteção espiritual, símbolo do equilíbrio entre corpo e natureza.

Kanëa - Abiú

- **Nome científico:** *Pouteria caimito*
- **Espécies compreendidas:** Refere-se de modo geral ao grupo de frutas conhecidas como *abiús*, podendo abranger diferentes variedades cultivadas pelo povo *Yéba mahsã*.

Características gerais da planta: Árvore de médio porte, com folhas simples, alternadas e de coloração verde-escura. As flores são pequenas e esbranquiçadas, reunidas em grupos nas axilas das folhas. O fruto é globoso, de casca lisa e amarelada quando maduro, apresentando polpa doce e viscosa. Desenvolve-se

melhor em solos férteis, úmidos e sombreados, característicos das roças de mata virgem e quintais florestados. **Cultivo e finalidade do cultivo:** *Ambiente de cultivo* - Roças de mata virgem e quintais de casas. *Técnicas e época* - Cultivo manual, com mudas transplantadas a partir de sementes de frutos selecionados. *Fins alimentares* - Consumo do fruto *in natura* e em preparações culinárias. *Fins ritualísticos / simbólicos* - Associada às oferendas e à partilha de frutas durante períodos de abundância. **Descrição do consumo e usos culinários:** *Partes consumidas* - Fruto. *Formas de preparo* - Consumido principalmente *in natura*, ou ocasionalmente em sucos e doces. *Utilização culinária* - Alimentação cotidiana e partilha em contextos comunitários. **Distinção de outras espécies:** Distingue-se pelo fruto amarelado e polpa viscosa, de sabor doce característico, bem como por sua textura gelatinosa. **Rituais e simbolismo na cultura indígena:** O abiú é considerado um presente dos ancestrais e simboliza a fartura e a harmonia das roças. **Celebrações e festividades:** Frequentemente aparece nas festas de colheita e de partilha comunitária, em especial durante os períodos de abundância de frutos nas roças. **Mitologia e narrativas:** Sua origem remonta tanto a Wariró (região do alto Rio Negro) quanto a *Yéba* (região do rio Pirá Paraná, Colômbia), entidades míticas responsáveis pela criação das plantas cultivadas nas roças. Ambas são vistas como ancestrais que transmitiram aos povos o conhecimento sobre o cultivo e uso das plantas, conectando a agricultura à espiritualidade.

Marã - Cubiu

- **Nome científico:** *Solanum sessiliflorum*

Características gerais da planta: Planta arbustiva, de folhas largas e pilosas, flores arroxeadas ou brancas e frutos arredondados de coloração avermelhada, amarelada ou alaranjada. Prefere solos úmidos e ricos em matéria orgânica, comuns em roças de capoeira e mata virgem. **Cultivo e finalidade do cultivo:** Cultivada em áreas de roçado da mata virgem e capoeira, sendo amplamente utilizada na alimentação tradicional, em suco e mingaus. *Finalidades* - alimentares. **Descrição do consumo e usos culinários:** *Partes consumidas:* frutos. *Formas de preparo* - *in natura*, sucos, cozidos, em mingaus ou acompanhando a manicuera. *Utilização culinária* - alimento cotidiano e complemento em bebidas tradicionais. **Distinção de outras espécies:** Distingue-se pelo aroma ácido e leve adstringência da polpa, bem como pelo formato esférico e coloração viva dos frutos maduros. As

variedades caracterizam-se pelos tamanhos: grande, médio e pequeno.

Celebrações e festividades: Presente em banquetes comunitários e nas partilhas de alimentos diários. **Mitologia e narrativas:** Não há uma mitologia específica da planta. Mas de forma geral, as plantas da roça se originam através dos ancestrais *Yéba* e *Wariró*, segundo os povos do Rio Negro.

Mene - Ingá

- **Nome científico:** *Inga edulis*
- **Espécies compreendidas:** variedades locais

Características gerais da planta: Árvore de médio porte, folhas compostas e frutos longos em vagem, com sementes envoltas em polpa branca e adocicada. Típica de regiões úmidas, há variedades cultivadas e selvagens que se encontram na capoeira e margens de igarapés. **Cultivo e finalidade do cultivo:** Plantada em roças e quintais em associação com outras espécies frutíferas. *Finalidades* - alimentares, simbólicas e sociais. **Descrição do consumo e usos culinários:** *Partes consumidas* - polpa do fruto. *Formas de preparo* - *in natura*, em sucos ou bebidas fermentadas. *Utilização culinária* - sobremesas e ingredientes de warápu. **Distinção de outras espécies:** Reconhecida pelo fruto longo e polpa branca adocicada. **Rituais e simbolismo:** Símbolo da partilha e da generosidade; oferecido em rituais de reciprocidade, localmente chamada de *dabucuri*, um tipo de oferta aos parentes em forma de gratidão e retribuição a algum serviço. **Celebrações e festividades:** Elemento central no *dabucuri*, festa tradicional de troca e doação de alimentos. **Mitologia e narrativas:** Acredita-se que o ingá foi criado por *Wariró* para ensinar aos humanos a importância da partilha e do convívio coletivo. E há também a lenda de que o ingá se originou no lugar chamado *menéwi* (casa de ingá). Na rota de transformação dos povos do Rio Negro, principalmente do tronco linguístico tukano, há um lugar com esse nome, segundo sábios e pajés, no formato de serra.

Mimirê - Cana

- **Nome científico:** *Saccharum* spp.
- **Espécies compreendidas:** Refere-se às diversas variedades de cana cultivadas localmente.

Características gerais da planta: Planta herbácea de porte alto, caule grosso e fibroso, folhas longas e lineares, com inflorescência terminal. Desenvolve-se em

áreas úmidas e ensolaradas, com solos férteis e profundos. **Cultivo e finalidade do cultivo:** *Ambiente de cultivo* - Áreas de capoeira e roçados de mata virgem. *Técnicas e época* - Plantio por toletes no início do período chuvoso. *Fins alimentares* - Consumo direto do caldo. *Fins medicinais* - Uso leve contra fadiga e desidratação. O caldo é utilizado contra venenos de algumas espécies de aranhas, escorpiões e formigas peçonhentas. *Fins ritualísticos / simbólicos* - Ingrediente central na produção do *caxiri*, bebida bastante utilizada nas festas e rituais tradicionais. **Descrição do consumo e usos culinários:** *Partes consumidas* - Caule. *Formas de preparo* - Mastigado ou espremido para extração do caldo. *Utilização culinária:* Preparo do *caxiri* e consumo natural. **Distinção de outras espécies:** Reconhecida pelos colmos adocicados e pela coloração esverdeada ou arroxeadada, conforme a variedade. **Rituais e simbolismo na cultura indígena:** Elemento essencial nas bebidas em rituais, representa a doçura e a energia vital que sustenta o corpo e o espírito. **Celebrações e festividades:** Presente em todas as festas tradicionais e rituais de partilha do *caxiri*. **Mitologia e narrativas:** Não há mito específico registrado, mas seu uso simbólico está ligado à abundância e à união comunitária no consumo de bebida preparada com o caldo.

Ñahĩ - Batata-doce

- **Nome científico:** *Ipomoea batatas*
- **Espécies compreendidas:** Refere-se de forma geral às variedades tradicionais de batata-doce cultivadas pelos *Yéba mahsã*.

Características gerais da planta: Planta herbácea, de caule rasteiro e folhas cordiformes. Possui tubérculos subterrâneos com casca e polpa de coloração variável (branca, amarelada ou arroxeadada). Desenvolve-se em solos soltos e férteis, comuns nas roças de capoeira e mata virgem. **Cultivo e finalidade do cultivo:** *Ambiente de cultivo* - Roças de capoeira e mata virgem. *Técnicas e época* - Propagada por estacas (ramas), plantadas após a queima e limpeza do terreno. *Fins alimentares* - Uso alimentar cotidiano e como ingrediente no preparo do *caxiri*. *Fins ritualísticos / simbólicos* - Integra o preparo do *caxiri*, bebida de importância espiritual. **Descrição do consumo e usos culinários:** *Partes consumidas* - Raiz (tubérculo). *Formas de preparo* - Cozida, assada ou fermentada. *Utilização culinária* - Consumo direto e preparo do *caxiri* (bebida fermentada tradicional). **Distinção de outras espécies:** Distingue-se por sua raiz tuberosa e sabor adocicado, sendo

facilmente reconhecida pelo formato das folhas e pelas cores das variedades. **Rituais e simbolismo na cultura indígena:** A batata-doce é considerada alimento de força e vitalidade, frequentemente associada à fartura e à resistência física. **Celebrações e festividades:** Amplamente consumida durante festas e cerimônias que envolvem o *caxiri*, símbolo de união e partilha coletiva. **Mitologia e narrativas:** Sua origem está ligada ao ser mítico Yéba, proveniente do rio Pirá Paraná (Colômbia). Foi ele quem trouxe e ensinou o cultivo das plantas que hoje fazem parte das roças, conectando o alimento à ancestralidade e à espiritualidade do povo.

Ñamo - Cará

- **Nome científico:** *Dioscorea trifida*

Características gerais da planta: Trepadeira de caule delgado, folhas cordiformes e tubérculos subterrâneos arredondados. Adapta-se a solos leves e bem drenados, comuns nas roças de capoeira. **Cultivo e finalidade do cultivo:** Cultivada em roçados tradicionais da mata virgem e de capoeira, tanto em áreas novas quanto antigas. *Finalidades* - alimentares e ritualísticas (preparada como ingredientes na bebida fermentada, o caxiri). **Descrição do consumo e usos culinários:** *Partes consumidas* - tubérculos. *Formas de preparo* - cozido, ralado ou fermentado para produção de caxiri. *Utilização culinária* - alimento cotidiano e ingrediente cerimonial. **Distinção de outras espécies:** Diferencia-se do *umuku ñamõ* (cará trepadeira) por seu tamanho menor e casca mais clara. Mas há mais variedades da planta, diferenciando-se nas cores e tamanhos. **Rituais e simbolismo:** Associado a ritos de partilha e de agradecimento pela fartura da roça através de festas tradicionais, no início e fim do plantio. **Celebrações e festividades:** Elemento central no preparo do caxiri durante festas de iniciação, no plantio e na colheita. **Mitologia e narrativas:** Diz-se que *ñamo* foi o primeiro alimento preparado pelos espíritos ancestrais após a criação da mandioca, marcando o início da alimentação humana.

Ohó - Banana

- **Nome científico:** *Musa* spp.
- **Espécies compreendidas:** Abrange as diversas variedades tradicionais de banana cultivadas pelo povo *Yéba mahsã*.

Características gerais da planta: Planta herbácea perene, de grande porte, com pseudocaule formado pela sobreposição das bainhas foliares. As folhas são largas, compridas e verdes, e as inflorescências pendentes originam cachos com diversas pencas de frutos alongados. Prefere solos férteis, úmidos e bem drenados, típicos das roças de mata virgem e quintais familiares. **Cultivo e finalidade do cultivo:** *Ambiente de cultivo* - Roças de mata virgem e quintais das casas. *Técnicas e época* - Multiplicada por mudas plantadas após a queima da roça. *Fins alimentares:* Amplamente utilizada na alimentação cotidiana e ritualística. *Fins medicinais* - Pode ser usada em preparos leves para aliviar males estomacais. *Fins ritualísticos / simbólicos* - Integra o preparo do *caxiri*, bebida sagrada. **Descrição do consumo e usos culinários:** *Partes consumidas* - Fruto. *Formas de preparo* - *In natura*, cozida ou na forma de mingau. *Utilização culinária* - Base alimentar e ingrediente no *caxiri*, bebida fermentada de mandioca. **Distinção de outras espécies:** Reconhecida pelas folhas largas e frutos doces dispostos em cachos longos. Cada variedade é distinguida pelo tamanho e sabor do fruto. **Rituais e simbolismo na cultura indígena:** A banana é considerada alimento de fartura e energia, essencial nas festas e cerimônias de renovação espiritual. **Celebrações e festividades:** Utilizada na produção do *caxiri* durante festividades e rituais coletivos, fortalecendo a partilha entre famílias. **Mitologia e narrativas:** Embora não possua mito próprio registrado, é frequentemente associada a Yéba, ancestral mítico que concedeu aos povos o conhecimento agrícola e espiritual.

Ruhtú - Macoari-doce-verde

- **Nome científico:** *Heliconia hirsuta*
- **Espécies compreendidas:** Variedades locais de *Heliconia* reconhecidas pelo povo *Yéba mahsã*, diferenciadas principalmente pela coloração e doçura dos frutos.

Características gerais da planta: Planta herbácea, de porte médio, com folhas alongadas, semelhantes às da bananeira. Apresenta inflorescências vistosas, geralmente eretas, com brácteas verdes a avermelhadas, recobrimdo flores pequenas de coloração amarelada. Desenvolve-se preferencialmente em áreas úmidas e sombreadas de capoeira e mata virgem, onde o solo é fértil e bem drenado. **Cultivo e finalidade do cultivo:** *Ambiente de cultivo* - Roças situadas em áreas de capoeira e mata virgem, sob sombra parcial e umidade elevada. *Técnicas*

e época de *plantio* - O plantio é feito de forma tradicional, utilizando os rizomas da planta, geralmente durante o início do período chuvoso. *Fins alimentares* - Utilizada principalmente como ingrediente no preparo de *caxiri*, bebida fermentada à base de mandioca brava, de grande importância cultural. *Fins rituais / simbólicos* - Associada a práticas ritualísticas de preparo e consumo coletivo do *caxiri*, em contextos festivos e cerimoniais. **Descrição do consumo e usos culinários:** *Partes consumidas* - Frutos e seiva. *Formas de preparo* - Fermentada, em combinação com mandioca brava para o preparo de *caxiri*. *Utilização culinária* - Ingrediente complementar no *caxiri*, bebida fermentada tradicional consumida em festas e rituais sagrados. **Distinção de outras espécies:** Diferencia-se de outras espécies de *Heliconia* pela coloração verde mais intensa das brácteas e pelo sabor adocicado dos frutos, motivo pelo qual é chamada de “macoari-doce-verde”. **Rituais e simbolismo na cultura indígena:** A planta é valorizada nos contextos rituais ligados à produção e ao consumo do *caxiri*, sendo considerada um elemento que favorece a harmonia e o bem-estar coletivo durante as celebrações. Seu uso está associado à fertilidade da terra e à prosperidade das colheitas. **Celebrações e festividades:** Utilizada durante festas comunitárias e rituais sagrados em que o *caxiri* é preparado e consumido. Nessas ocasiões, a bebida simboliza união, partilha e conexão espiritual entre os membros da comunidade e seus ancestrais. **Mitologia e narrativas:** Segundo a mitologia dos *Yéba mahsã*, a origem do *ruhtú* remonta a *Yéba*, um ser ancestral que transmitiu aos humanos o conhecimento sobre o cultivo e o uso das plantas sagradas. Essa planta, portanto, representa o elo entre a agricultura e a espiritualidade, simbolizando o legado do ancestral que ensinou o povo a transformar os dons da floresta em alimento e vida.

Ruku - Mandioca brava

- **Nome científico:** *Manihot esculenta*
- **Espécies compreendidas:** Refere-se a diversas variedades de mandioca brava.

Características gerais da planta: Arbusto de 1 a 3 metros de altura, com caule lenhoso e folhas compostas palmadas. As raízes tuberosas contêm ácido cianídrico, exigindo preparo cuidadoso. Desenvolve-se bem em solos leves e bem drenados, comuns nas roças de capoeira e mata virgem. **Cultivo e finalidade do cultivo:** *Ambiente de cultivo* - Roças de capoeira e mata virgem. *Técnicas e época* - Plantio

por estacas (manivas), geralmente no início ou final do verão (*kumã*). *Fins alimentares* - Base da alimentação *Yéba mahsã* e povos da calha do Rio Negro. *Fins ritualísticos / simbólicos* - Planta central nos rituais agrícolas (rituais de benzimento antes e depois do preparo e plantio da roça) e de fartura (antigos *Yéba* faziam festa de fartura *buhsébare*). **Descrição do consumo e usos culinários:** *Partes consumidas* - Raiz (tubérculos). *Formas de preparo* - Raspada, prensada, torrada e cozida. *Utilização culinária* - Produção de farinha, beijus, mingaus e goma. **Distinção de outras espécies:** Diferencia-se da mandioca mansa (macaxeira) por conter veneno natural (ácido cianídrico), removido pelo processamento tradicional, utilizando técnicas ancestrais com uso de materiais indígenas como ralador, cumatá, tipiti entre outras. **Rituais e simbolismo na cultura indígena:** A mandioca é símbolo da fartura, da fertilidade, do trabalho coletivo e da ligação com os ancestrais (por exemplo, através do benzimento, em rituais). **Celebrações e festividades:** Presente em todas as festas e cerimônias de colheita, sendo a farinha e o beiju elementos centrais das oferendas. Quando há fartura é feita a *dabucuri*, uma festa em que se oferece a safra produzida para os cunhados, tios, pajés e mestres de dança em forma de agradecimento a um serviço ou apenas para agradecer quando há fartura. **Mitologia e narrativas:** Segundo a mitologia *Yéba mahsã*, a origem da mandioca está ligada ao ancestral, ser mítico que deu origem às plantas cultivadas nas roças. Conta-se que, durante o verão (*kumã*), *Yéba* havia preparado sua roça e feito a queima do terreno. No dia seguinte, iniciou o plantio e pediu à sua esposa, *Waihino riõ*, que não se aproximasse naquele momento, pois sua presença poderia interferir no bom crescimento das plantas. No entanto, movida pela curiosidade, a mulher desobedeceu e foi espiar o marido. Ao perceberem a presença dela, as plantas, que ainda estavam em processo de brotação, envergonharam-se, curvaram-se e gritaram: “Yébaaa!”. Como consequência desse rompimento simbólico do equilíbrio entre o tempo do plantio e o respeito às forças da natureza, acredita-se que as plantas das roças, especialmente a mandioca, passaram a crescer lentamente. Essa narrativa serve como explicação mítica para o tempo prolongado necessário ao cultivo e simboliza a importância de seguir os ritos e os saberes tradicionais.

Senã - Abacaxi

- **Nome científico:** *Ananas comosus*

- **Espécies compreendidas:** O termo *senã* é usado genericamente pelos *Yéba mahsã* para designar diferentes variedades cultivadas e reconhecidas pela comunidade. Essas variedades se distinguem entre si por características como o tamanho, formato, coloração e sabor do fruto.

Características gerais da planta: Planta herbácea, perene e monocotiledônea, com caule curto e folhas longas, rígidas, dispostas em roseta, apresentando margens espinescentes. O fruto é composto, formado pela fusão das flores e brácteas, resultando em uma estrutura carnosa e suculenta, de coloração amarela ou alaranjada quando madura, e aroma adocicado característico. O abacaxizeiro se desenvolve bem em áreas de capoeira e mata virgem, onde há boa drenagem e exposição solar moderada. Trata-se de uma planta adaptada a solos leves e férteis, típica de ambientes tropicais e úmidos. **Cultivo e finalidade do cultivo:** *Ambiente de cultivo* - Tal planta é cultivada principalmente em roças de capoeira e mata virgem, onde o solo é fértil e as condições ecológicas favorecem o seu desenvolvimento. *Técnicas e época de plantio* - O cultivo é feito por meio de mudas retiradas da coroa ou dos rebentos laterais do fruto. O plantio ocorre preferencialmente no início do período chuvoso, garantindo umidade adequada para o enraizamento. *Fins alimentares* - É amplamente consumido fresco, em sucos, mingaus e como ingrediente fundamental no preparo do caxiri, uma bebida fermentada de grande importância cultural e social entre os *Yéba mahsã*. *Fins medicinais* - É utilizada para tratamento de cabelo, principalmente para nutrição. *Fins rituais / simbólicos* - É associado às práticas rituais por meio do caxiri de abacaxi, consumido em festas coletivas e celebrações espirituais, reforçando laços sociais e a conexão com os ancestrais. **Descrição do consumo e usos culinários:** *Partes consumidas* - Fruto. *Formas de preparo* - O fruto é consumido *in natura*, em sucos, em mingaus e fermentado para a produção do caxiri. *Utilização culinária* - Utilizado como alimento cotidiano e em preparos festivos. O caxiri de abacaxi é uma das bebidas tradicionais consumidas em contextos de socialização e rituais sagrados, simbolizando fartura e comunhão. **Distinção de outras espécies:** Distingue-se de outras frutas cultivadas pelos *Yéba mahsã* pelo formato rosetado da planta, folhas espinhosas, lisas e o fruto único composto, de polpa suculenta e aroma doce. Dentro do gênero *Ananas*, as variedades reconhecidas pela comunidade diferem pela doçura, coloração da casca e da polpa, tamanho do fruto e resistência à fermentação, fatores que determinam o uso preferencial para

consumo direto ou para preparo de bebidas fermentadas. **Rituais e simbolismo na cultura Yéba mahsã:** Tem papel simbólico associado à fertilidade da terra, à abundância e à convivência coletiva. Seu fruto, utilizado na produção do caxiri, é parte essencial das celebrações ritualísticas, sendo considerado um alimento de alegria e comunhão. O ato de compartilhar o caxiri de abacaxi é visto como expressão da harmonia entre humanos, natureza e espíritos ancestrais, reafirmando os vínculos de reciprocidade que sustentam a vida comunitária. **Celebrações e festividades:** Está presente nas festas comunitárias e rituais sagrados do povo Yéba mahsã, especialmente na preparação e consumo coletivo do caxiri. A bebida é servida durante celebrações de colheita, rituais de iniciação e momentos de confraternização, simbolizando prosperidade e união. **Mitologia e narrativas:** De acordo com a mitologia dos povos indígenas do Rio Negro, incluindo os Yéba mahsã, a origem do abacaxi está associada a Wariró, uma entidade mítica responsável pela criação das plantas cultivadas nas roças. Wariró é considerado um ser ancestral e criador do conhecimento agrícola, que concedeu aos humanos o dom de cultivar e utilizar as plantas em harmonia com os ciclos da natureza. Assim, o *senã* é visto como um presente sagrado, que liga o trabalho humano à sabedoria espiritual herdada dos antepassados.

Suna - Caju

- **Nome científico:** *Anacardium occidentale*

Características gerais da planta: Árvore de médio porte, copa ampla, folhas coriáceas e frutos compostos de pseudofruto carnoso e castanha. Comum em roças, áreas de capoeira abandonada após a colheita de mandioca, o principal cultivo do povo Yéba mahsã. **Cultivo e finalidade do cultivo:** Cultivada em roças e quintais para fins alimentares e medicinais. *Finalidades* - alimentares, medicinais. **Descrição do consumo e usos culinários:** *Partes consumidas* - pseudofruto e castanha. *Formas de preparo* - *in natura*, sucos, fermentação (*warápu*). *Utilização culinária* - É consumida como bebida fermentada e em banhos medicinais (como matéria prima para benzimento). **Distinção de outras espécies:** Difere-se por seu aroma forte, sabor agri-doce e castanha de formato reniforme. **Rituais e simbolismo:** Usado em ritos de cura e purificação, na forma de benzimento; representa a generosidade da floresta. **Celebrações e festividades:** O suco fermentado (*warápu*) é consumido nas festas e na partilha de frutos.

Umuku ñamõ - Cará trepadeira

- **Nome científico:** *Dioscorea alata*

Características gerais da planta: Trepadeira vigorosa, com hastes longas e folhas opostas. Produz tubérculos grandes e alongados de coloração arroxeada. Prefere solos profundos e sombreados da roça de floresta primária. **Cultivo e finalidade do cultivo:** Plantada em roças de mata virgem, onde pode permanecer por vários anos antes da colheita. *Finalidades* - alimentares e festivas. **Descrição do consumo e usos culinários:** *Partes consumidas* - tubérculos. *Formas de preparo* - cozidos, assados ou fermentados na forma de bebida tradicional, o caxiri. *Utilização culinária* - alimento de base e insumo para bebidas cerimoniais. **Distinção de outras espécies:** Reconhecida pelo tamanho dos tubérculos e pela cor da polpa. **Rituais e simbolismo:** Representa a força ancestral e a conexão com o espiritual. **Celebrações e festividades:** Ingrediente indispensável no preparo do caxiri cerimonial. **Mitologia e narrativas:** Segundo os anciãos, *umuku ñamõ* foi um presente dos seres ancestrais, guardiões da fertilidade da terra.

Uyé - Cucura

- **Nome científico:** *Pourouma cecropiifolia*
- **Espécies compreendidas:** Variedades locais de Pourouma, reconhecidas pela comunidade *Yéba mahsã* e diferenciadas pelo tamanho, cor e sabor dos frutos.

Características gerais da planta: Planta arbórea de médio porte, podendo atingir entre 10 e 20 metros de altura. Possui folhas grandes, palmadas e recobertas por fina penugem na face inferior. Os frutos são do tipo drupa, arredondados, de coloração roxa a azulada quando maduros, com polpa succulenta e adocicada. Desenvolve-se bem em solos férteis e úmidos, típicos de áreas de capoeira velha, mata virgem e quintais sombreados. É uma espécie característica das florestas tropicais úmidas da Amazônia. **Cultivo e finalidade do cultivo:** *Ambiente de cultivo* - Roças situadas em áreas de capoeira velha, mata virgem e quintais domésticos. *Técnicas e época de plantio* - Cultivada a partir de sementes ou mudas retiradas da floresta (capoeira); o plantio ocorre geralmente no início do período chuvoso, favorecendo o enraizamento. *Fins alimentares* - Amplamente utilizada na alimentação tradicional, sobretudo para o preparo de sucos e da bebida fermentada

warapú (ou *aluá*, como é conhecida no Rio Negro). *Fins ritualísticos / simbólicos* - O *warapú* é consumido em contextos cerimoniais e festividades sagradas, simbolizando partilha e vitalidade. **Descrição do consumo e usos culinários:** *Partes consumidas* - Frutos. *Formas de preparo* - *In natura* ou fermentada. *Utilização culinária* - O fruto é consumido fresco, em sucos, e utilizado na preparação do *warapú (aluá)*, bebida fermentada de importância cultural e ritual. **Distinção de outras espécies:** Distingue-se de espécies próximas por seus frutos globosos e de coloração arroxeada intensa, com polpa doce e sabor característico. Suas folhas palmadas e levemente prateadas na face inferior também são marcantes e auxiliam na identificação. **Rituais e simbolismo na cultura indígena:** A planta está intimamente ligada às práticas ritualísticas e festividades do povo *Yéba mahsã*. O *warapú*, preparado a partir de seus frutos, é consumido em celebrações comunitárias e rituais de caráter espiritual. Representa a renovação da energia vital e a ligação com os ancestrais, fortalecendo os laços de parentesco e solidariedade dentro da comunidade. **Celebrações e festividades:** Presente em festas coletivas, rituais sagrados e ocasiões de confraternização comunitária. O *warapú* é considerado uma bebida sagrada, essencial em momentos de comunhão espiritual e celebração da fertilidade da terra e das colheitas. **Mitologia e narrativas:** Segundo a mitologia dos povos indígenas do Rio Negro, a origem da *uyé* remonta a duas entidades míticas: *Wariró* e *Yéba* (região do Rio Pirá Paraná, Colômbia). Esses seres ancestrais são considerados responsáveis pela criação das plantas cultivadas nas roças e por transmitir aos povos o conhecimento do cultivo e do uso das espécies. A *uyé* simboliza, portanto, o elo entre a agricultura, a espiritualidade e a sabedoria ancestral, representando a continuidade da vida e o equilíbrio entre o ser humano e a floresta.

Wamɯ - Umari

- **Nome científico:** *Poraqueiba sericea*
- **Espécies compreendidas:** Inclui diferentes variedades de umari conhecidas e cultivadas tradicionalmente.

Características gerais da planta: Árvore de grande porte, com folhas simples, alternadas, coriáceas e brilhantes. Os frutos são drupas ovais, de coloração roxa a amarelada quando maduros, contendo polpa oleosa e saborosa. Ocorre naturalmente em solos de terra firme, sendo cultivada tanto em quintais quanto em

antigas aldeias. **Cultivo e finalidade do cultivo:** *Ambiente de cultivo* - Quintais e áreas antigas de habitação (*wiigodori*). *Técnicas e época* - Cultivada a partir de sementes; crescimento lento. *Fins alimentares* - Fruto amplamente consumido. *Fins ritualísticos / simbólicos* - Associada à fertilidade e à memória ancestral das aldeias antigas. **Descrição do consumo e usos culinários:** *Partes consumidas* - Fruto. *Formas de preparo* - Consumido *in natura*, misturado com peixe ou preparado na forma de beiju (*wamɨ nahúrõ*). *Utilização culinária* - Prato típico e base para caldos. **Distinção de outras espécies:** Distingue-se pela textura oleosa da polpa e pelo aroma forte e característico do fruto maduro. **Rituais e simbolismo na cultura indígena:** O *wamɨ* é símbolo de abundância e conexão com os antepassados, pois continua a frutificar mesmo em aldeias antigas. **Celebrações e festividades:** Seu fruto é partilhado em momentos de colheita e preparo coletivo de alimentos, reforçando os laços familiares e comunitários. **Mitologia e narrativas:** Segundo a tradição, o *wamɨ* tem origem ligada à anta, que outrora foi um ser humano. Ela cultivava os pés de umari ao redor de sua casa, mas o ser mítico Cutivaia (um ser ancestral roedor da espécie cutia) roubou um dos frutos e levou-o para sua terra, espalhando a planta entre os povos, o que explica sua presença em várias regiões.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo destas páginas, busquei evidenciar os principais resultados alcançados. O levantamento realizado permitiu repertoriar 18 espécies de plantas cultivadas, denominadas em língua *Yéba Mahsã* e acompanhadas de definições culturais, mitológicas e de usos práticos. A sistematização desse material evidencia não apenas a diversidade agrícola tradicional, mas também a riqueza de significados associados a cada espécie, especialmente no que se refere às dimensões linguísticas, etnobotânicas e cosmológicas que estruturam o sistema de conhecimento do povo *Yéba mahsã*.

Pela perspectiva da organização lexical e terminológica, a coleta de dados revelou que os termos em *Yéba mahsã* apresentam alto grau de especificidade, com variações que distinguem espécies, variedades e até mesmo funções distintas de uma mesma planta. A mandioca (*kĩĩ*), por exemplo, possui múltiplas variedades - como *kãne ruku* e *retuãra ruku* - cada uma associada a características próprias. Essa precisão lexical demonstra um conhecimento acumulado que organiza a flora

cultivada a partir de critérios morfológicos, funcionais e culturais, configurando um sistema classificatório autônomo e sofisticado.

Além disso, algumas denominações evidenciam a relação direta entre as plantas e entidades míticas ou espirituais. O caso da pupunha (*hotá*), vinculada aos *Waí mahsã*, ilustra como a língua não apenas nomeia as espécies, mas também serve como meio de transmissão de narrativas cosmológicas, preservando memórias e valores ancestrais.

No que tange ao usos culturais e às práticas agrícolas, os dados etnobotânicos indicam que grande parte das espécies possui finalidade multifuncional, articulando dimensões alimentares, medicinais e rituais. A pimenta (*biá*) e a taioba (*aña kahó*), por exemplo, ultrapassam o domínio culinário e participam de práticas de purificação, iniciação e cura espiritual. Já a mandioca (*kĩĩ*) e o abacaxi (*senã*) integram a produção de bebidas fermentadas, como o *caxiri*, fundamentais para a socialidade, as celebrações comunitárias e a reafirmação da identidade coletiva.

Observei também que o ambiente de cultivo, isto é, roças de mata virgem, capoeiras ou quintais, não se explica apenas por fatores ecológicos. Muitas dessas escolhas seguem princípios cosmológicos e normas de manejo simbólico transmitidas entre gerações, revelando uma concepção integrada de agricultura, território e espiritualidade.

Concernente às relações entre linguagem, mito e prática, os registros demonstram que o sistema linguístico *Yéba mahsã* está profundamente articulado ao conhecimento agrícola. A origem mítica de espécies como a pupunha (*hotá*) ou a batata-doce (*ñahĩ*) remete a seres ancestrais, como *Yéba* e *Wariró*, responsáveis por doar as plantas ao povo. Assim, o cultivo não é compreendido apenas como atividade produtiva, mas como prática de renovação espiritual, continuidade da memória e afirmação da identidade do grupo.

Esse entrelaçamento entre mito, linguagem e prática reforça que a classificação botânica indígena ultrapassa a lógica científica ocidental. Em vez de separar dimensões ecológicas, sociais e espirituais, o conhecimento *Yéba mahsã* integra esses campos em um único sistema explicativo, evidenciando uma forma própria de ordenar e compreender o mundo.

De um modo geral, os resultados obtidos demonstram que o sistema de cultivo e de nomeação das plantas entre os *Yéba mahsã* constitui um patrimônio

imaterial complexo, que reúne técnicas de manejo sustentável, práticas alimentares diversificadas, conhecimentos farmacêuticos tradicionais e um repertório simbólico-mitológico que orienta a vida social.

A documentação linguística realizada neste trabalho contribui para a preservação desses saberes, ao registrar termos e definições que, até então, circulavam principalmente na oralidade. A terminologia, nesse contexto, não funciona apenas como ferramenta linguística, mas como instrumento de fortalecimento cultural e de resistência diante dos processos de erosão linguística que afetam a região.

No decorrer da pesquisa, limites se apresentaram. Algumas plantas carecem de registros completos, sobretudo no que se refere à tradução em língua portuguesa, à identificação do nome científico, bem como às narrativas míticas e aos usos rituais, devido à ausência de informantes disponíveis ou à natureza restrita desses conhecimentos.

Pesquisas posteriores podem aprofundar o número de espécies identificadas, especialmente com trabalho de campo mais prolongado e diálogo com diferentes comunidades *Yéba mahsã*. Ademais, investigações do tipo podem realizar a comparação terminológica entre as línguas do alto Rio Negro, explorar o papel das mulheres na transmissão dos saberes agrícolas e registrar com maior detalhe os cantos, rituais e fórmulas de benzimento associados às plantas cultivadas.

Por fim, este trabalho objetivou contribuir, por um lado, para a valorização da língua *Yéba mahsã*, oferecendo um glossário bilíngue que articula conhecimentos linguísticos, culturais e etnobotânicos. Por outro lado, também colocou em relevo o reconhecimento da agricultura indígena como sistema de conhecimento sofisticado, sustentado em práticas simbólicas, ecológicas e sociais.

Em um contexto de ameaças à continuidade da língua e do patrimônio imaterial dos povos do Alto Rio Negro, a presente pesquisa reforçou a importância de documentar e fortalecer saberes ancestrais, o que lança luz para a afirmação dos direitos linguísticos e culturais do povo *Yéba mahsã*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSOCIAÇÃO DA ESCOLA TUYUKA ʘTAPINOPONA – AEITʘ. **Projeto Político-Pedagógico (PPP)**. São Gabriel da Cachoeira, 2000.

BARBOSA, Jonas Prado. **Política de línguas: uma análise da prática da cooficialização de línguas indígenas em São Gabriel da Cachoeira**. 2024. Relatório final de pesquisa apresentado à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), Processo nº 2022/14415-7. Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2024.

BARRETO, João Paulo Lima. **Wai-Mahsã: peixes e humanos – um ensaio de antropologia indígena**. 2013. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2013.

CABRÉ, Maria Teresa. **La terminología: representación y comunicación: elementos para una teoría de base comunicativa y otros artículos**. Barcelona: Universitat Pompeu Fabra, 1999.

CAYÓN, Luís. **Penso, logo crio: a teoria Makuna do mundo**. 2010. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade de Brasília, Brasília, 2010.

EMPERAIRE, Laure. **Les maniocs et les autres: éléments pour une histoire souterraine des plantes cultivées en Amazonie du nord-ouest**. Paris: Institut de Recherche pour le Développement, s.d. Disponível em: https://www.researchgate.net/figure/Un-pied-de-macoari-Heliconia-hirsuta-cultive-da-ns-un-abattis-Santa-Isabel-2007_fig4_372377336. Acesso em: 6 out. 2025.

GONÇALVES, Gabriela Granghelli. **Etnobotânica de plantas alimentícias em comunidades indígenas multiétnicas do baixo rio Uaupés – Amazonas**. 2017. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Botucatu, 2017. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/server/api/core/bitstreams/0dca4e65-2138-4c21-8f59-8a3697b55ea4/content>. Acesso em: 6 out. 2025.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (IPHAN). **Sistema agrícola tradicional do Rio Negro**. Coordenação de Diego Simas e Yêda Barbosa. Brasília, DF: IPHAN, 2019.

MAGALHÃES, Marcos Pereira. **Território cultural e a transformação da floresta em artefato social**. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas, Belém, v. 8, n. 2, p. 381–400, maio/ago. 2013.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MARTINS, Sílvia Cristina Duarte. **Dicionário onomasiológico de expressões cromáticas da fauna e flora**. 2013. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, São José do Rio Preto, 2013.

MASSANETTO, Amanda. **O emprego da rubrica “medicina” nos dicionários Aurélio e Houaiss**. 2021. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Linguística) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2021.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Política linguística no Brasil**. Campinas: Pontes Editores, 2007.

SILVA, Fabiana Sarges da. **A lei de cooficialização das línguas Tukano, Nheengatu e Baniwa em São Gabriel da Cachoeira: questões sobre política linguística em contexto multilíngue**. 2013. Tese (Doutorado) – Instituto de Ciências Humanas e Letras, Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2013.